

Benevides reage às críticas ao Congresso

03 DEZ 1991

CORREIO BRAZILEIRO

O presidente do Senado, Mauro Benevides, contestou ontem declarações atribuídas ao líder do Governo na Câmara dos Deputados, Humberto Souto, segundo às quais o Congresso apresentou baixo rendimento em seu trabalho deste ano legislativo. "A movimentação do Congresso só não foi maior, disse Benevides, em razão das constantes obstruções em que se empenharam oposicionistas e governistas, impedindo a deliberação do plenário."

Acrescentou Benevides que, no primeiro semestre deste ano, foram apreciados 53 vetos presidenciais pelo Congresso Nacional, enquanto, em 1990, apenas 14 lograram obter quorum deliberativo. "Até o final da sessão legislativa, disse, deveremos apreciar 25 vetos remanescentes, além de 48 pedidos de abertura de

créditos suplementares.

Quanto ao orçamento da União, Benevides acredita que, até o próximo dia 10, estará sendo discutido e votado pelo plenário, "a fim de que se cumpra a letra constitucional." Acentuou que nenhuma responsabilidade pode ser imputada à mesa do Congresso Nacional pelas protelações havidas.

Demonstrando que não recebeu com simpatia as críticas do líder do Governo ao Congresso, Benevides sublinhou: "Devem ser buscados outros motivos que não comprometam a condução dos trabalhos do parlamento brasileiro. Se as lideranças abandonarem a obstrução, haverá condições de intensificar o ritmo de trabalho neste final de sessão legislativa".

Negociação — Defensor de uma

solução compartilhada" para a crise política nacional, o presidente da Câmara dos Deputados, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), vê na discussão da reforma tributária de emergência a primeira oportunidade para o exercício desta negociação. "Embora não seja a questão mais importante, e a primeira no calendário capaz de propiciar a discussão de diferentes propostas e visões sobre o futuro do País", afirmou Ibsen.

Como não acredita que haja força política com hegemonia, seja no parlamento ou na sociedade, o presidente da Câmara prega "negociações tópicas em cima de situações concretas". "Neste momento de pulverização política, ninguém tem cacife para encaminhar sozinho uma solução para a crise", observou.